

NÃO SOU UM PSICANALISTA? NEGRITUDE E ANTINEGRITUDE NA PSICANÁLISE

Érico Andrade*

RESUMO

Acredito que, para a compreensão dos processos de subjetivação das pessoas negras, é necessária uma escuta em cujo foco estejam os processos de racialização. Meu ponto é que o racismo é estruturante para as subjetividades negras. A minha hipótese é de que a validade da psicanálise como ferramenta de explicação do sofrimento das pessoas negras está condicionada, por um lado, à escuta dos fatores, nos termos de Fanon, *sociogênicos* e, por outro, ao entendimento de que os processos de subjetivação das pessoas negras são atravessados estruturalmente pelo racismo. Considerando esse atravessamento, proponho uma clínica chamada por mim de *implicada*, na qual uma escuta antirracista passa a figurar como técnica psicanalítica

Palavras-chave: Racismo; negro; psicanálise; sociogênese; subjetivação.

AREN'T I A PSYCHOANALYST? BLACKNESS AND ANTINEGRITUDE IN PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

I think that, in order to understand the processes of subjectivation of black people, it is necessary the listening in which we focus on processes of racialization. My point is that racism is structuring for black subjectivities. My hypothesis is that the validity of psychoanalysis as a tool to explain the suffering of black people is conditioned, on the one hand, to listening to factors, in Fanon's terms, sociogenetic; and, on the other hand, to the understanding

* Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira é Psicanalista associado ao CPP, filósofo com doutorado na Sorbonne, professor de Filosofia da UPFE e pesquisa temas ligados à identidade, sofrimento e racismo com bolsa de produtividade em pesquisa pelo CNPq. É autor de vários livros, traduções e artigos (científicos e na imprensa).

that the processes of subjectivation of black people are structurally crossed by racism. Considering this crossing, I propose a clinic I call implicated, in which an anti-racist listening starts to appear as a psychoanalytic technique.

Keywords: Racism; black people; sociogenetic; subjectivation; psychoanalysis.

PAS PSYCHANALYSTE? LE NOIR ET L'ANTINEGRITUDE DANS LA PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

Je pense que pour comprendre les processus de subjectivation des personnes noires, il faut écouter dans lequel on s'intéresse aux processus de racialisation. Ce que je veux dire, c'est que le racisme est structurant pour les subjectivités noires. Mon hypothèse est que la validité de la psychanalyse comme outil d'explication de la souffrance des Noirs est conditionnée, d'une part, à l'écoute de facteurs, selon les termes de Fanon, sociogénétiques ; et, d'autre part, à la compréhension que les processus de subjectivation des Noirs sont structurellement traversés par le racisme. Considérant ce croisement, je propose une clinique que j'appelle impliquée, dans laquelle une écoute antiraciste commence à apparaître comme une technique psychanalytique

Mots-clés: Racisme; noir; psychanalyse; sociogénèse; subjectivation.

INTRODUÇÃO

As leituras de Freud nunca me foram estranhas. Ele figura na coleção Os Pensadores. Na minha adolescência e início de juventude, essa coleção era como a Bíblia; apenas espreada em diferentes volumes. Freud é um clássico desses tantos poucos homens escolhidos como tais por tantos e tantas de nós que os reproduzimos, como se a sua cor fosse uma extensão da nossa. Ele é um clássico também porque várias pessoas procuram recolher os seus espólios para fazerem uma só tradição, como se, na História, a continuidade do seu pensamento estivesse dada de forma inexorável. O segredo seria retomar Freud. Dizer-se, em alguma medida, freudiano, para criar um campo próprio no latifúndio da legitimidade que só um pai pode conferir.

A expressão “Freud explica” é o anátema dessa posição porque parece pressupor, ainda que na forma de certo humor, que uma construção teórica teria força epistêmica suficiente para englobar todas as formas de vida, para retomar um conceito de Wittgenstein. Como se a teoria

pudesse se despir do seu lugar de fala, da cultura da qual fala, para emoldurar as condições de possibilidade para retratar o humano. Como se uma teoria pudesse ser um espelho, ao qual todos os seres humanos se submetem, para se verem numa só imagem.

Essa espécie de compromisso epistemológico da psicanálise encerra um compromisso com uma dupla universalidade. A psicanálise seria universal tanto espacialmente (válida para qualquer território) quanto temporalmente (visto que uma vez criada seria válida para qualquer momento histórico). Para o sucesso desse tipo de comprometimento epistemológico é preciso justamente supor um sujeito uniforme porque inscrito numa cultura humana geral e indiferente aos contextos sociais. O compromisso epistemológico da teoria psicanalítica é, portanto, de ordem antropológica. Trata-se de um compromisso com uma dimensão unilateral sobre o que é humano. Esse compromisso, contudo, não se estende, claro, apenas a quem se submete ao processo psicanalítico, mas à própria atuação do/a psicanalista, que é o ponto central do presente artigo.

Nessa perspectiva, gostaria de compreender se, enquanto um homem negro, eu poderia ser considerado um psicanalista, uma vez que, para assimilar a psicanálise como técnica e teoria capazes de auxiliarem no cuidado com a saúde mental, Freud determina que algumas regras fundamentais devem ser seguidas, e com as quais, eu, enquanto homem negro, não me reconheço em meu exercício clínico.

Meu ponto é que, longe de precisar estar subordinado a alguma regra ou técnica psicanalítica específica, as pessoas negras, enquanto analistas, precisam, parece-me, por um lado, identificar a branquitude da psicanálise; por outro, promoverem uma escuta sem precisarem se moldar completamente a uma gramática conceitual psicanalítica que não apenas lhes é estranha subjetivamente, como em alguns casos pode ser uma forma de violência quando aplicada à escuta sem qualquer recorte racial – uma espécie de violência epistêmica, que é decorrente do racismo. Essa violência epistêmica é resultado da imposição de uma gramática conceitual sobre uma subjetividade sem que esta se reconheça nos preceitos de determinada teoria.

A minha hipótese é de que a validade da psicanálise como ferramenta de explicação do sofrimento das pessoas negras está condicionada, por

um lado, à escuta dos fatores, nos termos de Fanon, *sociogenéticos*; e, por outro, ao entendimento de que os processos de subjetivação das pessoas negras são atravessados estruturalmente pelo racismo. Considerando esse atravessamento, proponho uma clínica chamada por mim de *implicada*, na qual uma escuta antirracista passa a figurar como técnica psicanalítica.

COMEÇO DE CONVERSA: A PSICANÁLISE COMO IDEOLOGIA RACIAL

Se acompanhamos a definição de Freud do que seria a psicanálise e a partir da qual ele determina os critérios para que alguém possa ser reconhecido como psicanalista, é preciso nos perguntarmos se nós, pessoas negras, podemos realmente pactuar com a branquitude no sentido de simplesmente aceitar a psicanálise tal qual ela foi formulada por Freud. A sua definição num verbete sobre o que é a psicanálise é aviltante e tem que ser citada porque o seu caráter contumaz indica o caminho pelo qual a psicanálise se fez instituição. Ela é a seguinte:

As Pedras Angulares da Teoria Psicanalítica - A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista¹.

A ressalva feita por Freud no texto precisa igualmente ser sublinhada. Notem que não se trata de escolher algumas dessas “pedras angulares da psicanálise”, nem mesmo a maioria. A aceitação integral desses pressupostos é condição necessária para ser psicanalista. Contudo, essa aceitação vem carregada de um pressuposto mais grave e que sequer é anunciado no texto, a saber: a universalidade dos conceitos da psicanálise.

Com efeito, novos paradigmas na psicanálise foram mobilizados no interior da tradição europeia, mas não sem frequência se reivindicava o legado de Freud para legitimar esses paradigmas. A centralidade de Freud permanece, mesmo que alguns contornos tenham sido abertos. A forma mais lapidar de representar isso foi aquela tecida por Lacan, que reafirmava a necessidade de se “voltar a Freud”. Aqui, não me interessa perguntar nem a qual Freud se deve retornar ou a qual Freud

Lacan pensava estar retornando. Mas a própria exigência ou imperativo do retorno aponta para o que está na disputa: o legado de Freud. Ou, ainda, a disputa sobre quem continuará a determinar o que é a psicanálise parece que nunca passou pela negação do seu pai.

Não se matou o pai porque todo mundo se beneficiava do poder do pai. Cada um ao seu modo. Diferentes filhos e filhas que não estavam dispostos a abandonarem a origem e mais especialmente o poder que dela emana. E esse poder não é tanto assentado na robusteza dos conceitos produzidos por Freud, como se sem eles não pudéssemos imaginar outros caminhos para a psicanálise, nem está assentado tampouco apenas no reconhecimento de que a psicanálise é a disciplina do conhecimento humano criada por Freud. O poder não tem uma relação que se reduz apenas ao poder do pai no que diz respeito à qualidade de sua teoria, mas se relaciona também a toda “horda” em que se localiza a obra de Freud e nos modos como ela é comercializada como poder. A continuidade que marca a história da psicanálise e a mantém viva reside na branquitude e no seu pressuposto de que o seu modo de existir é o espelho do mundo.

Será justamente quem está à margem desse processo ou dessa tradição da psicanálise branca, em decorrência do próprio narcisismo da branquitude, quem dirá que o rei está nu ou que parte do sucesso da psicanálise se deve ao fato de sua tradição ser perpetuada pela branquitude. É da periferia do sistema que a mudança se desenlaça. A mudança vem das quebradas.²

Foi a leitura de Fanon que me deu coragem de questionar alguns conceitos e pressupostos da psicanálise. Primeiramente, foi com a sua obra que a branquitude conheceu uma significativa ferida narcísica. O seu legado é a compreensão de que a branquitude não é o universal para qual as demais culturas devem mirar como exemplo. Ele é uma identidade entre outras. Uma cultura entre outras. Pessoas entre outras. Selvagem como as demais culturas e igualmente capazes de gestos de cuidado como as demais culturas³.

Retirar o caráter universal do espelho por meio do qual a branquitude se reconhece como a única humanidade possível é lhe deferir um golpe narcísico sem precedentes na história, uma vez que nem todas as culturas tinham a pretensão de serem elas e apenas elas a imagem do absoluto, ao

passo que isso foi constitutivo da cultura da branquitude. Não existe projeto de branquitude sem essa formatação do narcisismo. Em certo sentido, a branquitude se faz pela negação da humanidade das pessoas negras.

E esse narcisismo branco é explícito. Ele está no outdoor, na televisão, nas salas de aula, nos espaços públicos e privados, e figura nas referências bibliográficas das pesquisas de modo tão soberano quanto distante de outras formas de vida. Em suma, o narcisismo da branquitude está em tudo aquilo que se refere aos espaços de aparecimento. Sobre ele, Cida Bento nos ensina:

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vêm acompanhados de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana (Bento, 2014, p. 437)⁴.

Na psicanálise ocorre algo similar. Percorrendo com o olhar a comunidade psicanalítica brasileira, responsável por formar as instituições de psicanálise mais renomadas, segundo os critérios meritocráticos da própria branquitude, os sobrenomes de origem europeia abundam na mesma proporção que se escasseiam os Silva, os Santos, os Nascimentos e os Souzas. Lembro da confissão de Neusa Santos Souza ao meu conterrâneo e também psicanalista Jurandir Freire de que não tinha mais interesse em falar da subjetivação das pessoas negras porque não encontraria leitores e leitoras negros, os quais não figuram nas instituições de psicanálise; a difícil solidão das pessoas negras no interior das instituições de psicanálise. Neusa Santos Souza estava só como tantos e tantas de nós nos encontramos nas instituições de psicanálise.

Como então se tornar psicanalista quando não apenas habitamos um ambiente de supremacia branca, disfarçada no discurso da universalidade das categorias psicanalíticas? Como se tornar psicanalista quando somos constringidos, para sermos reconhecidos como psicanalistas, a aderir à compreensão freudiana de que se poderia pensar o sofrimento sem a variável determinante do racismo⁵? Eu poderia ser um psicanalista mesmo sem acreditar na centralidade do complexo de Édipo para explicar os processos de subjetivação das pessoas negras? Eu, que nunca me senti

branco, apesar de todas as máscaras com as quais vesti minha face de conceitos, palavras estrangeiras e apreço pela gramática supostamente limpa e imparcial da psicanálise, poderia ser um psicanalista?

É com a psicanálise, posso concordar sem problema, que perdemos a segurança de sermos senhores em nossa própria casa. No entanto, a casa para as pessoas negras não é necessariamente uma família burguesa nuclear com as suas neuroses cirurgicamente mapeadas por Freud; com a precisão de quem fala de si, ainda que fantasie estar falando do universal. A neurose é mais complexa e não é propriedade de uma cultura. Sem dúvida, ela está fortemente no seio da família heteronormativa e patriarcal criticada e ao mesmo tempo reproduzida por Freud. Nisso, aliás, a branquitude nos contamina com as suas neuroses e coloniza o nosso próprio sofrimento. Quero sublinhar, contudo, outro aspecto relevante da neurose; aquele aspecto que atinge diretamente as pessoas negras.

A neurose longe de ser uma condição psíquica que atravessa diferentes culturas nos mais recônditos lugares do planeta de modo universal e sempre com os mesmos arquétipos, é diversa e se conecta a formas de vida diferenciadas. Foi nesse sentido que Fanon dissertou extensamente sobre a necessidade de compreender que o sofrimento que incide sobre as subjetividades negras é da ordem colonial. Assim, um atendimento ou escuta das pessoas negras que se referencia nas categorias da branquitude não conseguirá realizar uma escuta radicalmente cuidadosa, mesmo que seja empreendido por uma pessoa negra. Afinal, nada impede que uma pessoa negra esteja vestindo a máscara branca e, com isso, resguardando a teoria psicanalítica sem o recorte racial.

É com essa preocupação que Fanon trincha as variações raciais no cuidado com a saúde mental de acordo com a incidência do racismo nos processos de subjetivação das pessoas negras:

Toda vez que lemos uma obra de psicanálise, discutimos com nossos professores ou conversamos com pacientes europeus, ficamos impressionados com a inadequação entre os esquemas correspondentes e a realidade que o negro nos apresentava. Concluímos paulatinamente que há uma substituição da dialética quando se passa da psicologia do branco ao negro (Fanon, 2020, p. 166).

O ponto de Fanon é que, sem o recorte de raça, a psicologia e, mais especialmente a psicanálise, está fadada a condenar as subjetividades negras ao projeto colonial. Isso não impede, contudo, que acidentalmente e tangencialmente a psicanálise não possa servir para alguma espécie de cuidado. O ponto não é esse. A questão é de um enquadramento estrutural e versa sobre a força e a centralidade do racismo nos processos de subjetivação das pessoas negras.

Com essas minhas palavras sublinho que a psicanálise, sem a revisão racial de sua base conceitual, opera como uma ideologia a qual consubstancia o ideal do ego ao modelo da branquitude. A psicanálise sem essa revisão da racialidade parece compor aquilo que Neusa Santos Souza compreende como ideologia. E a trago à nossa conversa porque é com a sua obra que tenho tecido o fio da presente reflexão:

A ideologia é aqui é entendida como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos que se manifestam subjetivamente consciente como vivências, ideias ou imagens e no comportamento objetivo como atitudes, condutas e discursos. (Souza, 2021, p. 74).

Com essa definição de ideologia, eu acho que é possível vislumbrar como a psicanálise pode simplesmente produzir e reproduzir a ideologia vigente e calcada numa antinegitude por meio da qual se afirma a humanidade por negação da humanidade das pessoas negras. A psicanálise como ideologia pode ser lida como um instrumento do projeto de antinegitude. Para evitar que a psicanálise seja cooptada como ideologia antinegra, é preciso realizar, esse é o meu ponto, um arrefecimento da sua pretensão do desejo ou mesmo da certeza para alguns de que todo processo civilizatório está inscrito em uma unidade psíquica. Ou seja, para refazer a ordem colonial é preciso entender que a unidade com a qual a tradição psicanalítica se pensa se enlaça em uma espécie de contrato sexual que não abarca necessariamente todas as culturas. Esse contrato sexual seria o responsável pela formação da civilização, segundo Freud, e não pode ser entronizado como a única chave para se pensarem os processos civilizatórios.

É preciso entender que na chave do universal a psicanálise é muito mais expressão de uma ideologia do que um retrato do humano, porque, dentre outras coisas, há outros elementos mais centrais na vida das

peças negras do que o complexo Édipo. Afinal, o complexo de Édipo, afirma Fanon: “está longe de ser a luz entre os negros” (Fanon, 2021), visto que o sofrimento impingido às pessoas negras envolve fatores raciais que perpassam a sua existência desde o processo da gestão e constituem o seu processo de subjetivação antes mesmo da triangulação edípica.

O ponto é que a universalidade da psicanálise é comprometida pelas questões raciais, as quais apontam para o fato de que o sofrimento tem uma natureza complexa e é indissociável da cultura, como pontua o conceito de fanoniano de sociogênese. Nos escritos de psiquiatria de Fanon é possível recuperar como ele entende que os problemas de ordem psíquica não se reduzem a um único fator de explicação:

A pessoa existe sempre em via de... Ela está aqui e, com outras palavras, e, nesse sentido, a alteridade é a perspectiva reiterada de sua ação. O que equivale a dizer que o ser humano, como objeto de estudo, exige uma investigação multidimensional (Fanon, 2021, p. 317).

Destaco a palavra “exige”. Há uma exigência de ordem existencial e social para que o conhecimento e o cuidado com a psique humana não sejam inscritos num discurso tanto unitário quanto universal. Assim, para desafiar o identitarismo branco é preciso, segundo Fanon, compreender que o sofrimento é multifatorial e que, principalmente no caso das pessoas negras, a sua raiz não está no que tradicionalmente foi objeto da psicanálise.

É nesse sentido que Fanon libera as pessoas negras para compreenderem os seus processos de subjetivação do sofrimento num horizonte dissonante das teorias psicanalíticas estabelecidas. Assim, a singularidade do sofrimento das pessoas negras só pode ser acolhida quando se desvia do foco dos arquétipos ou conceitos constituintes da psicanálise para se voltar às formas de sofrimento que contemplam a existência de pessoas em cujo centro do sofrimento está o racismo. A grande questão para o negro, como pontua Fanon, a quem recorro mais uma vez: “é saber se é possível para o negro superar o seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que tanto o aproxima do comportamento fóbico” (Fanon, 2021, p. 65).

Com esse ensinamento de Fanon, eu consegui compreender que parte do meu sofrimento estava na negação da minha negritude, a fobia

em relação ao meu próprio corpo. Para elaborar essa forma de sofrimento acredito que é preciso uma clínica antirracista com a qual tenho tentado caminhar no meu ofício de psicanalista.

SOFRIMENTO RACIAL E SUBJETIVAÇÃO: UMA ESCUTA IMPLICADA

Uma das formas mais comuns de se criticar o tema da racialidade na clínica psicanalítica é reputá-lo como uma pauta militante. Coisa de identitários, disse certa vez Rodinescou. E ela não está só. Há uma comunhão de pessoas prestes a denunciar o narcisismo dos movimentos sociais que estaria presente no que consideram ser uma afirmação sectária de uma identidade.

Sobre um dos limites desse tipo de enquadramento, a respeito do qual eu já dissertei extensamente em outros textos, destaco que ele repousa na recusa de assumir o próprio identitarismo branco. Trata-se de tentativa desesperada de resguardar a próprio identidade por meio da manutenção intacta dos conceitos da psicanálise. Aliás, o ponto é a disposição de negar o caráter racial na construção da psicanálise para a infringir as pessoas negras, sem qualquer espécie de restrição, uma escuta tanto uniforme quanto praticamente indiferente em face do fosso racial que marca diferentes formas de subjetivação.

Aqui, nós temos um problema de ordem clínica. O racismo, como já foi demonstrado em vários estudos, não forma uma espécie de mania persecutória, cujo desafio no manejo clínico seria, entre outras coisas, combater a fantasia com a apresentação de alguma reflexão comprometida com algum dado de realidade. Não se trata de uma dimensão puramente fantasmática em cujo centro estaria a percepção de que as pessoas estão pactuando uma espécie de conspiração de ordem persecutória. A conspiração tem nome: estrutura.

Assim, as subjetividades negras não se encontram alienadas de uma realidade que negariam para se afundarem no próprio ego, mas é justamente a realidade do racismo que lhes aliena da própria condição do seu corpo negro; seja lhes constringendo a assumirem uma máscara branca, seja lhes violentando diretamente com o racismo que lhes persegue nos supermercados, como se fossem sempre potenciais assaltantes, nas batidas policiais, nos olhares em riste das pessoas brancas quando cruzam uma pessoa negra nos bairros ricos do Brasil afora. Ou seja, a alienação do negro,

lembro que esse seria, aliás, o título original da obra de Fanon, não é um tropo de uma fantasia individual e restrita a um adoecimento patológico presente apenas em alguns indivíduos negros. Ela é real e de ordem racial.

Seguindo esse fito, é preciso reconhecer que a subjetividade negra é formada num processo de alienação de si mesma ou pelo menos do seu corpo com o qual ela realiza a sua subjetividade. Isto é, a imposição da alienação é constituinte para as subjetividades negras independente dos rumos que uma pessoa negra traçará ao longo de sua existência. E, de modo ainda mais grave, essa subjetividade negra muitas vezes precisará recorrer à formação de grupo de pessoas negras para que construam as condições para um processo de resistência e manutenção de sua soberania subjetiva.

Diferentemente da posição de Butler, não estou afirmando que as pessoas negras façam recurso a uma identidade estratégica (ver Ficher 2020), como se fosse uma questão de apenas usar o conceito de identidade politicamente, mas tendo plena ciência de que ele não existe. Também, a identidade não é um mecanismo de defesa inconsciente que fatalmente seria iluminado por um psicanalista habilidoso. Sustento que ela é apenas uma forma de aquilombamento, nos termos de Abdias Nascimento (2019), cujo propósito é menos de afirmar uma identidade do que uma simples tarefa de produzir mecanismos reais de resistência e garantia da vida subjetiva diante da barbárie racista.

A identidade, portanto, não é um sintoma. Assim, se uma escuta pretende se dirigir às subjetividades negras, ela não pode, simplesmente, em nome de um compromisso teórico com uma quebra da identidade abstrair o caráter real da construção de alianças necessárias contra o racismo. E essa aliança é feita por corpos negros.

É preciso entender que o racismo diferentemente, por exemplo, de um estado de terrorismo no qual um fato real ressoa durante muito tempo como uma fantasia de que a qualquer momento outro ataque terrorista pode ocorrer, quando sabemos que em geral ele não ocorre num intervalo de tempo tão exíguo. No caso do racismo, ele se renova diariamente. É cotidiano. Nunca houve distinção entre fantasia e realidade no racismo.

Para uma radicalidade da escuta, a clínica psicanalítica precisa enfatizar a soberania da clínica no sentido escutar as pessoas negras no atravessamento do racismo que a própria pessoa negra pode negar

num processo de autodefesa diante de um problema real e que, incontornavelmente, está presente no seu processo de subjetivação. Ou seja, o racismo é uma ferida aberta nas subjetividades negras.

Nessa perspectiva, o que se entende por militância antirracista não é algo do âmbito daquilo que não deve estar na clínica. Sem uma clínica *racialmente implicada* com o racismo a psicanálise tende apenas a reproduzir a estrutura racista e funcionar como ideologia, como coloquei na primeira parte do meu texto.

Assim, a psicanálise tem que assumir uma clínica da *praxis* em que a divisão entre prática política e teoria é borrada em favor de um acolhimento da compreensão de que as pessoas negras vivem experiências para cuja escuta não podemos usar os conceitos de psicanálise sem qualquer recorte racial. O ponto é que a teoria psicanalítica tem que se implicar racialmente numa prática antirracista para internalizar um modo de fomentar um manejo dos afetos das pessoas negras com vistas à principal ou pelo menos uma das principais causas do seu sofrimento psíquico.

E antes da pressa, própria da branquitude, como diz Krenak, em saber como operacionalizar uma clínica antirracista, é preciso aceitar que a psicanálise só pode ser tomada como espelho do universal quando ela age de modo narcísico porque exclusivamente em função do identitarismo branco. Por ora, concluo o presente artigo com a convicção de que o caminho para a dissolução da identidade pode ser dialético, assunto que será tema do próximo artigo, envolvendo uma relação entre branquitude e negritude, mas na clínica ele não pode ser iniciado por uma espécie de decisão teórica e com vistas apenas a denunciar a fantasia de uma identidade negra, apoiada apenas numa coerência interna de uma gramática psicanalítica. Isso é uma violência que longe de combater a identidade demonstra que ela ainda é necessária, não como uma estratégia política elaborada, mas simplesmente como forma de evitar a morte pela união dos corpos negros.

REFERÊNCIAS

- Andrade, E. (2022). Por que a psicanálise não é uma pseudociência? Sobre as novas bases epistemológicas da psicanálise. *Revista Debates em Psiquiatria*, 12, 1-19.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. São Paulo: Autêntica.
- Fanon, F. (2020). *Pele Negra Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu.
- Fanon, F. (2020). *Alienação e Liberdade*. São Paulo: Ubu.
- Ficher, M. (2020). Ler Butler: sujeito, desidentificação, performatividade. *Princípios*, 27(52), UFRN, Natal.
- Freud, S. (1976) *Artigos sobre técnica*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976) *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2010) *O Inconsciente*. Trad. Paulo Souza, São Paulo: Companhia das Letras.
- Nascimento, A. (2019). *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
- Souza, S. N. (2021) *Torna-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar.

NOTAS

- ¹ Freud, *Dois Verbetes*, original 1923. É evidente que Freud oferece no transcorrer de sua obra outras definições de psicanálise e mais especialmente do que é o psicanalista. Meu objetivo não é fazer uma genealogia do conceito na obra de Freud, mas apenas recuperar uma definição, pensada por ele para um grande público, que não pode ser simplesmente negligenciada e que revela alguns pilares, ou na expressão mesma presente no texto, pedras angulares da psicanálise.
- ² Freud associou a sua defesa, muitas vezes solitária da psicanálise, à sua condição de judeu, pois, para ele, os judeus estariam familiarizados com a solidão (Freud, p. 275). A defesa da universalidade da psicanálise é associada ao caráter do povo judeu em uma espécie de “ato falho” no qual Freud deixa a entender que uma

atitude diante de uma teoria está marcada pelo contexto no qual essa teoria é gestada e pensada no interior de uma determinada cultura e momento histórico.

³ O caráter estrutural da violência na experiência identitária da branquitude não se reduz ao morticínio entre as pessoas brancas, destacado com justeza por Aimé Césaire (1955) e com o nazismo ganhou o seu ápice. Ela se estende, sublinha Fanon (2021), para os outros povos: “A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o ser humano onde quer que fosse.” (Fanon, 2021, p. 242). O uso do termo selvagem pela branquitude parece se aplicar de forma mais correta à própria branquitude.

⁴ Parte do privilégio branco está em se colocar no centro para ditar o que é ou não humano. Por isso, intelectuais negres têm proposto outra chave de leitura para as relações raciais conforme se pensa a sociedade em geral como dividida entre negros e não negros. A ideia é inverter o polo sobre o qual se assentam as nossas reflexões sobre as relações raciais para nessa inversão já descentralizar a branquitude. Essa advertência é importante porque se de fato queremos acabar com o privilégio branco é preciso retirar os marcadores da branquitude do centro do debate.

⁵ A psicanálise pode ser tomada como um projeto colonial se não fizer a revisão de sua base conceitual que está inscrita na branquitude de sua origem. Para que uma psicanálise não identitária seja possível é preciso assumir o que há de branquitude na psicanálise e proceder uma elaboração daquilo que diz mais de uma identidade branca do que é capaz de falar de outros corpos.